

TECENDO RELAÇÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A AGRICULTURA FAMILIAR: PESQUISA-AÇÃO E AGROECOLOGIA EM TERRITÓRIO DE MONOCULTURA

FACING RELATIONSHIPS BETWEEN THE UNIVERSITY AND FAMILY AGRICULTURE: RESEARCH AND AGROECOLOGY IN MONOCULTURE TERRITORY

Data de entrega dos originais à redação em: 09/11/2017
e recebido para diagramação em: 19/02/2018

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante ¹
Henrique Carmona Duval ²
Manoel Baltasar Baptista da Costa ³

Este artigo é produto da inserção das discussões sobre Agroecologia em um grupo de pesquisa dedicado aos estudos sobre reforma agrária e desenvolvimento rural, especialmente em território de agronegócio. Em uma continuada pesquisa longitudinal, voltada a assentamentos rurais que tem quase três décadas, a análise dos constrangimentos e bloqueios que buscavam impedir a gestão inovadora do território era associada, com frequência, aos limites impostos à diversificação da agricultura pelas agroindústrias convencionais. A Agroecologia era citada como possível nesse caminho, mas não privilegiada nas estratégias metodológicas escolhidas. A aprovação do NEEA (Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia), em 2014, nos fez mergulhar no passo a passo das difíceis, mas possíveis, perspectivas de transição agroecológica e na tentativa de fazer a universidade ser, de fato, um centro de produção e difusão de conhecimentos em Agroecologia. Um pacto assumido de produzir conhecimento com retorno social.

Palavras-chave: Desenvolvimento Rural Sustentável; Diversificação Agrícola; Assentamentos Rurais.

This article is product of the insertion of Agroecology and family agriculture in our trajectory of studies on rural development and settlements, especially in agribusiness territory. In an longitudinal survey of rural settlements that has spanned almost three decades, the analysis of constraints and blockades that sought to prevent innovative management of the territory was often associated with the limits imposed on the diversification of agriculture by conventional agroindustries. Agroecology was cited as possible in this way, but not privileged in the chosen methodological strategies. The approval of NEEA (Nucleus of Studies and Extension in Agroecology) in 2014 has made us immerse ourselves in the step by step of the difficult but possible perspectives of agroecological transition and in the attempt to make the university, in fact, a center of production and diffusion of knowledge in Agroecology. An assumed pact to produce knowledge with social return.

Keywords: Sustainable Rural Development; Agricultural Diversification; Rural Settlements.

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta alguns resultados do projeto **Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do estado de São Paulo**, um esforço do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara - UNIARA em contribuir para o avanço da pesquisa, da extensão universitária e da formação de quadros profissionais em Agroecologia, através da implementação do Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia.

Nossos trabalhos anteriores sobre o desenvolvimento rural da agricultura familiar e especialmente dos assentamentos na região central do estado de São Paulo priorizaram um recorte sobre as estratégias familiares entre a integração industrial e as possibilidades de diversificação agrícola (FERRANTE, 2011; FERRANTE, 2015). No primeiro caso, tratou-se de analisar o processo de plantio de cana-de-açúcar, a partir do ano de 2004, com os contratos de fornecimento com usinas da região de Araraquara que regularam uma das principais estratégias produtivas das famílias assentadas. Estratégias estas entendidas

como expressão da hegemonia do modo de produção agroindustrial no território. De forma complementar, e não antagônica ao plantio de cana, outras alternativas produtivas coexistiram com sistemas agrícolas familiares dos assentamentos e foram favorecidas pela criação dos mercados institucionais, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos).

No contexto da diversificação, a Agroecologia entrou na agenda de pesquisa em função de que se pode associar a produção diversificada de alimentos primeiramente voltada à esfera do autoconsumo familiar a práticas agroecológicas (DUVAL, 2009). Mesmo sem orientações técnicas ou mercados específicos, foi-se identificando em campo que a produção de alimentos para o consumo familiar é associada a um tipo de conhecimento empírico das famílias, um saber tradicional que muito tem a ver com técnicas e práticas de agriculturas de base ecológica. Primeiramente, em razão da escassez material das famílias, que procuram realizar uma prática agrícola mais independente de dispêndios financeiros, própria da lógica de produção camponesa (GARCIA JR., 1983; WANDERLEY, 1995), na qual se desenvolvem maneiras de produzir se aproveitando de recursos locais e se

1 - Coordenador do PPG em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente - UNIARA. < >.

2 - Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. < >.

3 - Professor Colaborador no PPG Em Desenvolvimento Territorial E Meio Ambiente - Uniara. < >.

evitando insumos externos. Por outro lado, um tipo de produção cuja representação deve ser livre de contaminantes, como agrotóxicos, pois abastece a própria família.

2 ESPAÇO E UNIVERSO EMPÍRICO

O NEEA atua nos assentamentos rurais localizados nas microrregiões de Araraquara, São Carlos e Ribeirão Preto (Assentamentos Monte Alegre, Horto de Bueno de Andrada, Bela Vista do Chibarro, Horto Guaraní, Projeto de Desenvolvimento Sustentável - PDS Santa Helena, Mário Covas, Fazenda da Barra e Sepé Tiarajú).

Há que se considerar que a atuação do NEEA tem se dado em um território dominado pelas formas de organização do complexo sucroalcooleiro, e os assentamentos têm arcado com os ônus e constrangimentos das “parcerias” com as agroindústrias – na verdade, falsas parcerias, alimentadas pela esperança de uma renda maior, mas que apresentam em sua concretização uma forte assimetria de relações, nas ações e informações entre agentes sociais tão díspares.

O projeto do NEEA reveste-se da relevância de estimular a prática da produção diversificada e não convencional neste território da região Central do Estado de São Paulo, caracterizado pela produção em monoculturas intensivas no uso de agrotóxicos e sistemas produtivos com baixa demanda e capacidade de ocupação de força de trabalho.

A participação dos assentados enquanto produtores e dos assentamentos enquanto espaços integrados aos distintos sistemas produtivos regionais é matéria por nós discutida há tempos (FERRANTE e BARONE, 2011). Dado os patamares de desenvolvimento econômico das diferentes regiões, sobressai, em primeiro plano, a polêmica inserção dos assentamentos no circuito de fornecedores de cana-de-açúcar e outros produtos para as agroindústrias. O que poderia ser a solução para os bloqueios para o desenvolvimento econômico dos assentamentos tem se revelado cheio de impasses, nos quais uma insegura melhora na renda monetária oculta a possibilidade de perda de autonomia na gestão do lote e, na medida em que essa modalidade de “parceria” acaba por se caracterizar como arrendamento, até mesmo a perda do lote via exclusão oficial.

Para Ferrante et al. (2010), a integração agroindustrial das famílias assentadas para o plantio de cana é a mais complexa. Além de um longo histórico de assédio das usinas às famílias, há outros impactos e consequências ambientais geralmente escamoteadas na produção de uma monocultura intensiva para produção de álcool e açúcar, como o uso intensivo de pacotes agrícolas. Outros problemas são sociais e internos às comunidades, como rupturas nas organizações prós e contrárias ao plantio de cana, incluindo-se violência física entre os grupos divergentes.

Cabe ainda destacar outro projeto frustrado de integração industrial com a produção avícola entre famílias assentadas e uma agroindústria da região. Desde 2008 acompanhamos inúmeros casos

de assentados que investiram muitos recursos para construir granjas industriais para criação de frangos e foram literalmente abandonados pelas empresas do setor avícola, quando esta enfrentou crises de mercado. Dentre as inúmeras consequências negativas para os assentados em termos econômicos, como o endividamento, destacamos que as estruturas construídas ficaram ociosas e, portanto, um dos objetivos do NEEA foi retomar a avicultura nesses barracões em outros termos produtivos, com base na produção agroecológica de galinhas caipiras – experiência esta que será relatada mais à frente.

No presente, existem outras formas de integração que têm redundado em arrendamento, como, por exemplo, a soja e o milho. Então, apesar da política de assentamentos distribuir terras para a agricultura familiar, os projetos implantados não mudam as estruturas fundiárias e produtivas, pois a trajetória do desenvolvimento rural nestes espaços está calcada, primordialmente, em projetos convencionais e produtivista, com fortes tendências para a integração industrial, em detrimento da ação do Estado.

Neste contexto, o que esperar de uma política inovadora como os editais para a criação e manutenção dos NEAS, ligada à nova ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural), à regulação da produção orgânica, dentre outras iniciativas do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), especificamente neste território?

2.1 UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO DOS CAMINHOS DA PESQUISA EM AGROECOLOGIA

Por um lado, a Agroecologia é entendida também enquanto um movimento social, no Brasil bastante expressivo e organizado em distintas esferas e regiões, e materializado na Associação Brasileira de Agroecologia – ABA, na Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, na Rede ECOVIDA de Certificação Participativa na região Sul, na Assessoria e Serviços a Projetos de Tecnologia Alternativa – ASPTA, dentre outros. A Agroecologia também pode ser entendida como uma nova área da ciência, com crescente expressão nas esferas da educação, da pesquisa e da extensão rural.

O termo Agroecologia surgiu nos anos 30, formulado por ecólogos, para designar a Ecologia aplicada à agricultura. Os estudos ecológicos, todavia, estavam à época mais centrados nos sistemas naturais, ficando a cargo dos agrônomos as pesquisas aplicadas na esfera da agricultura (COSTA, 2017).

Nos anos 50, com o amadurecimento do conceito de ecossistema, a Ecologia agrícola ganha maior expressão e parcela dos agrônomos passam a internalizar em seus trabalhos os conteúdos.

Nos anos 60 e 70, ganham ímpeto as pesquisas sobre populações e comunidades, quando as bases da Ecologia crescem rapidamente. A partir dos estudos dos sistemas naturais de cultivo estabeleceu-se a base conceitual e a metodologia de estudo de agroecossistemas, que vêm a fundamentar, na Agroecologia, o desenvolvimento do conceito de sustentabilidade na agricultura (GLIESSMAN, 2000).

A ciência agroecológica fundamenta-se em um referencial teórico e analítico sistêmico, holístico, interdisciplinar, através do qual busca conhecer, pesquisar, identificar, validar e difundir princípios, orientações e alternativas que possibilitem se chegar a uma agricultura efetivamente sustentável, em suas dimensões produtiva, ecológica, energética, social, cultural e econômica (COSTA, 2004).

A Agroecologia incorpora os conhecimentos acumulados no campo da Ecologia, assim como os saberes das populações tradicionais, para assim propor saídas para se diminuir os impactos causados pela agricultura contemporânea, que é uma das atividades que mais degradam o meio ambiente. Há uma visão crítica sobre os processos agrícolas da atualidade, pois se pauta por princípios e preocupações em contribuir efetivamente para a superação da problemática sócio ambiental inerente à agricultura, precipuamente suas externalidades ambientais, como contaminações por agrotóxicos de solo, água e alimentos.

Enquanto uma área da ciência, a Agroecologia pode ser definida como:

A disciplina científica que enfoca o estudo da agricultura sob uma perspectiva ecológica e com um marco teórico cuja finalidade é analisar os processos agrícolas de forma abrangente. O enfoque agroecológico considera os ecossistemas agrícolas como as unidades fundamentais de estudo; e nestes sistemas, os ciclos minerais, as transformações de energia, os processos biológicos e as relações sócio econômicas são investigadas e analisadas como um todo (ALTIERI, 2002).

Agroecossistemas podem ser considerados como verdadeiros sistemas nos quais ocorrem sinergias e valorização social. Isto é alcançado através de uma gama de estratégias que combinam diferentes níveis de produtividade, estabilidade, sustentabilidade e equidade. Em relação aos sistemas naturais, os agroecossistemas se caracterizam por um limitado conjunto de propriedades dinâmicas, que podem ser descritas não somente por seus comportamentos essenciais, mas que podem ser usadas normalmente como indicadores de performance e, desta forma, serem empregadas no planejamento e avaliação de projetos de desenvolvimento, em todos os níveis de intervenção.

Os avanços do conhecimento agrônomo e do ecológico apontam para a dimensão e a relevância da Agroecologia, no propósito de aproximar e integrar os conteúdos de ambos em uma perspectiva interdisciplinar. E é neste plano que se vê a necessidade de um embasamento técnico-científico metodológico e analítico abrangente e interdisciplinar, para uma análise acurada da realidade, das políticas e ações voltadas à agricultura.

2.2 NEA'S: SEMENTES DE AGROECOLOGIA?

Primeiramente, não dá para se esperar uma mudança paradigmática que seja rápida e consolide uma outra lógica de produção – passando do convencional para o agroecológico. Pois todas as

estruturas de pesquisa, extensão, tecnologia e inovação estão direcionadas para a agricultura produtivista e industrial. Por outro lado, faz-se necessário começar o trabalho pela sensibilização de agricultores, com projetos que tenham efetividade e rentabilidade quase que em tempo real – o que é muito difícil, tendo em vista os diferentes tempos da transição agroecológica e da construção do conhecimento em Agroecologia.

Por isso, a ação dos NEAs pode ser vista como sementes de uma intervenção que possa se contrapor à lógica produtiva deste território, diminuindo, para os agricultores familiares, sua dependência em relação a esta forma de organização. Sabidamente, as práticas ligadas a esta lógica trazem consequências negativas para a segurança alimentar e o balanço energético da produção de alimentos, pois estes dois monocultivos expulsaram a agricultura de alimentos que por sua vez têm que ser importados, o que implica em gastos com o seu transporte e a perda de hábitos alimentares locais. Também as monoculturas têm influência sobre o microclima regional, a conservação de solos e a conservação dos recursos hídricos.

Sem a preocupação de aprofundar o *status* da Agroecologia no campo científico, a proposta norteadora do NEEA da Uniara exigiu uma opção teórica e política por uma forma de pesquisa comprometida com a extensão. O eixo privilegiado pelo conjunto de ações realizado foi a busca de processos que possam valorizar a autonomia dos produtores frente às formas produtivas tradicionais. Neste contexto, a autonomia corresponde a várias dimensões que se associam a práticas agroecológicas:

- 1) No interior dos lotes e propriedades familiares, o aproveitamento de recursos locais e a produção de insumos próprios que possam substituir aqueles dos pacotes tecnológicos – exemplos disso são a produção de compostagem, biofertilizantes, micro-organismos eficientes e utilização de adubos verdes, ao invés do uso de insumos externos (por exemplo adubos nitrogenados). Isso faz com que a prática agrícola tenha um custo menor para agricultores, que nem sempre dispõem de condições materiais para a compra desses insumos externos. Ao mesmo tempo, são práticas que aumentam a rentabilidade do processo produtivo.
- 2) De outro lado, abre-se a possibilidade para novas formas de comercialização que possam colocar os assentados em mercados de produtos orgânicos/agroecológicos, permitindo uma redução, que pode se tornar progressiva, da atuação de atravessadores, o que claramente age na contramão da conquista da autonomia. Estamos falando de mercados como as feiras, os programas institucionais e outras cadeias curtas de comercialização, como a entrega de cestas a consumidores.
- 3) A terceira dimensão corresponde às formas de organização das famílias assentadas, como as OCS's (Organizações de Controle Social), mas também as associações e as cooperativas que enfrentam os desafios da transição agroecológica, que são passos importantes na decisão de enfrentar os desafios de se contrapor à lógica dominante.

2.3 PESQUISA-AÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Nossa proposta de pesquisa-ação prioriza métodos participativos e interativos na relação com as comunidades rurais, com os quais procuramos analisar as distintas realidades produtivas das famílias. Identificamos os problemas centrais, buscando alternativas à sua superação na perspectiva da sustentabilidade em suas distintas dimensões.

Partimos do princípio de que a Agroecologia demanda uma formação diferenciada, cujo retorno não tem somente benefícios para área rural, mas igualmente para o espaço urbano, como veremos nos exemplos das ações voltadas à feira e às caravanhinhas agroecológicas.

Com base nas experiências dos membros da equipe em extensão universitária junto à agricultura familiar e aos assentamentos rurais, acreditamos que o processo de construção e de execução deve-se pautar pelo maior aprofundamento de princípios participativos e continuados, erigidos sobre conhecimentos levantados em primeira mão, por meio de pesquisa nas comunidades envolvidas. Esse fazer pedagógico comum, coletivo e apoiado em conhecimentos tradicionais é visto como importante estratégia de valorização das famílias rurais e também uma ferramenta de assimilação e interiorização de práticas agroecológicas pré-existentes.

As premissas do trabalho com as famílias envolveram também a instalação de áreas de demonstração, a realização de cursos de capacitação continuados, caravanas agroecológicas, monitoramento das ações e atividades devolutivas às famílias.

Como em projetos anteriores (FERRANTE, 2012 e 2015), buscamos integrar as atividades em torno de alguns eixos estruturantes, como as relações de gênero, questões ambientais, sistemas produtivos, organização e comercialização da produção, que por sua vez representam grandes áreas temáticas (e também gargalos) e que necessariamente devem dialogar entre si diretamente na prática pedagógica. No entanto, um aspecto relevante é a preocupação com a dimensão geográfica das capacitações, envolvendo diversos perfis de agricultores familiares em diferentes localidades. Neste sentido, as diferentes características e realidades locais pautaram as adaptações necessárias, reconfigurando práticas e impondo constante reelaboração do trabalho.

Na esfera didático-pedagógica há uma preocupação central com a associação entre a teoria e a prática, na construção de ações e projetos de pesquisa, extensão e ensino, em íntima interação com a sociedade, com os agricultores familiares e suas organizações, consumidores, professores e estudantes das escolas municipais, agentes técnicos, gestores públicos e instituições parceiras, bem como no espaço acadêmico, envolvendo o corpo discente e docente.

Neste sentido, o NEEA formou uma rede permanente de interação, construção de conhecimento e atendimento às demandas colocadas pela sociedade civil, com destaque à agricultura familiar assentada e suas organizações formais e informais. Os resultados do projeto denotam o atendimento de algumas

demandas das políticas públicas em âmbito territorial, sobretudo na assistência técnica e na comercialização em uma perspectiva agroecológica.

Os agricultores envolvidos no projeto passaram a ser assistidos e orientados em seus sistemas produtivos, objetivando a transição para uma produção agroecológica, voltada ao mercado local e regional, com resultados positivos ao ambiente, ao ser humano e à saúde pública. Transição esta que não pode ser encarada como um processo linear, mas que comporta conquistas e desafios, muitas vezes recuos, que devem ser considerados parte de uma intervenção não pautada por continuidades, mas pelo privilegiamento de aspectos culturais e valores sociais extremamente enraizados no público do projeto.

2.4 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO

As demandas do projeto foram levantadas inicialmente por meio de reuniões realizadas com assentados da Região Central de São Paulo, para conhecer suas necessidades e interesses em relação ao Núcleo de Agroecologia que estava sendo formado na Uniara. O caráter interdisciplinar da equipe envolvida no projeto levou à criação de diferentes frentes de atuação que na sua execução são sinérgicas: hortaliças, feiras, organismos de controle social (OCSs), galinhas caipiras, sistemas agroflorestais (SAFs), caravanhinhas agroecológicas, plantas medicinais e áreas demonstrativas no Instituto de Biotecnologia da UNIARA (IBIOTEC), além de um curso de formação para agentes de Assistência Técnica Rural em Agroecologia.

A seguir, passamos a abordar brevemente algumas das experiências das frentes de trabalho do NEEA:

- 1) Hortaliças** – O objetivo foi investigar e monitorar os sistemas de produção de grupos produtivos e, ao mesmo tempo, propor uma série de cursos de capacitação, em temas como o manejo agroecológico, produção de biofertilizantes, compostagem e testes com adubos verdes.
- 2) Feiras** – Esta frente teve por finalidade incentivar e fortalecer a transição agroecológica dos grupos produtivos e também elevar a oferta de alimentos saudáveis a preços justos em Araraquara.
- 3) Organização de Controle Social (OCS)** – Com o objetivo de auxiliar na regularização da comercialização da produção orgânica dos grupos produtivos participantes da feira, foram identificados os produtores interessados e feito o encaminhamento nas diferentes etapas necessárias para a consolidação do OCS.
- 4) Galinhas Caipiras** – O trabalho envolve a pesquisa sobre a situação atual da criação de galinhas e a constituição de uma unidade experimental de produção agroecológica, a qual tem possibilitado a realização de cursos de capacitação.
- 5) Ações educativas e Caravanhinhas agroecológicas** – Esta frente promove ações educativas com professores e alunos nas escolas rurais de Araraquara/SP para apoiar a construção de valores e saberes ligados à sustentabilidade por meio de visitas a lotes diversificados.

- 6) Sistemas Agroflorestais (SAF's)** – Foram instaladas por meio de mutirões 3 unidades de SAF's, uma delas para recuperação de pastagem degradada e outras duas de café, sendo que uma delas em área de antiga lavoura convencional. Os sistemas têm sido regularmente monitorados.
- 7) Plantas Medicinais** – O objetivo é trabalhar, recuperar e valorizar com mulheres assentadas o seu conhecimento sobre a medicina tradicional e incorporá-lo nas práticas agroecológicas. Esta frente ganhou um reforço com o acompanhamento de um grupo de mulheres que passaram a desidratar e a comercializar plantas medicinais e temperos.
- 8) IBIOTEC** – O NEEA passou a realizar experimentos no Instituto de Biotecnologia da UNIARA, sobretudo com o plantio de adubos verdes de verão e de inverno, cultivo de hortaliças em manejo agroecológico e fruticultura, com a instalação de um pomar diversificado, visando a perspectiva de inserir nos sistemas produtivos dos assentamentos.
- 9) Capacitação para Agentes de ATER** – Foi realizado um curso de 40 horas para técnicos de ATER, que contou com a participação de 28 pessoas com atuação em várias partes do Estado de São Paulo e de outros Estados. Estiveram representados O Itesp, a Cati, a Embrapa, o Instituto Federal de Matão, a Prefeitura de São Paulo, agricultores, assentados e quilombolas, além de estudantes da graduação e da pós-graduação.

2.5 APROFUNDANDO ALGUMAS INICIATIVAS CARAVANINHAS

Na área de educação e capacitação, além dos cursos ministrados aos assentados e o curso para agentes de ATER, vamos destacar elementos de uma experiência inovadora – a das caravaninhas agroecológicas.

As caravaninhas aconteceram no assentamento Bela Vista do Chibarro em dois momentos, a primeira foi com alunos de 4º e 5º anos das escolas do Campo com visita a lotes e a áreas de preservação ambiental, nos quais se realizaram estudos do meio e coleta de materiais para posterior análise e estudo na escola (no caso, foram coletadas amostras de solo, tipos de vegetação e insetos). A atividade se estabeleceu em uma reunião na escola com todos os alunos e professores, na qual realizou-se uma mística inicial e posterior apresentação sobre o que era Agroecologia e a importância da conscientização ambiental. Após tal ação, os alunos das séries determinadas a partir das atividades curriculares foram a campo para as visitas estabelecidas em dois lotes com SAFs e outras duas paradas estratégicas para reconhecimento das paisagens do assentamento. Participaram desta primeira ação 37 crianças, duas professoras e 8 monitores do núcleo.

O segundo momento foi resultado de uma parceria com o Serviço Social do Comércio - SESC, o qual interessado nas atividades de educação ambiental dos núcleos, nos propôs ação conjunta. A proposta firmada teve como intuito levar as crianças da cidade para conhecer o campo e as crianças do campo para participar de atividade do programa Curumim do

SESC. Nesta atividade foram beneficiadas 105 crianças participantes do projeto curumim e 30 crianças da escola Hermínio Pagotto.

Inicialmente, as crianças do projeto Curumim foram visitar a escola do assentamento com o intuito de troca de experiências e, posteriormente foram conhecer um lote com SAF, áreas do assentamento para identificação das paisagens, além de participarem de contação de história no Casarão antigo, considerado patrimônio ambiental do assentamento Bela Vista do Chibarro. A segunda etapa desta atividade foi a visita das crianças para conhecer e participar das atividades do SESC. Como desdobramento das parcerias com o SESC, o NEEA e o Nupedor foram convidados a participar do seminário Diálogos sobre os desafios socioambientais contemporâneos e da Mostra "Territórios em Transformação": espaço de encontro com a representação de experiências e iniciativas socioambientais de referência, em nível local e regional, realizados em São Paulo, em junho deste ano, da qual participamos de uma roda de conversa sobre Agroecologia, Produção e Circulação de Alimentos.

3 AVICULTURA

Esta frente teve início com a realização uma reunião com as lideranças da Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Motuca e Região – COOPAM, que possui mais de 50 cooperados dos assentamentos Monte Alegre e Horto de Bueno de Andrada. Neste primeiro momento, uma das principais demandas levantadas foi para a retomada dos sistemas de produção de aves para produção de carne e ovos, pois muitos cooperados haviam passado pelo ciclo de integração industrial, como já referido.

Foi montada uma amostra de 27 famílias assentadas para se verificar a situação da avicultura naquele momento, que foram visitadas para a elaboração de um diagnóstico. Utilizamos questionários semi-estruturados, caminhadas transversais e fotodocumentação nos lotes para investigar elementos como o histórico e o conhecimento das famílias em criação de aves, a mão-de-obra disponível, os sistemas produtivos, a genética, a alimentação e a comercialização da produção.

Foi verificado que a produtividade da avicultura caipira é muito baixa entre as famílias, com apenas 9% de aproveitamento na produção de ovos. Nossa meta foi aumentar essa produtividade, mas também melhorar a genética, os sistemas produtivos e, sobretudo, criar autonomia para os assentados com a pesquisa sobre ração alternativa – fugindo ao controle da ração pelas cadeias da soja e do milho. Para que isso seja possível, há uma tese de doutorado em andamento sobre a ração alternativa em nosso programa da Uniara.

Como consequência deste processo de pesquisa, várias ações de extensão estão sendo levadas a cabo. Com base nos entraves que foram diagnosticados, foi montada uma unidade experimental em um dos lotes do assentamento Monte Alegre, na qual vem sendo realizada uma série de testes, cursos de capacitação e trocas de experiências entre assentados da Coopam e de outros assentamentos da região que

gostariam de trabalhar com avicultura agroecológica. Esta área está servindo ao melhoramento da eficiência produtiva de ovos, mas também no que diz respeito à construção e à sistematização de conhecimento entre produtores e pesquisadores com relação ao processo produtivo.

4 FEIRA DA ROÇA PRA MESA: ALIMENTOS SAUDÁVEIS

Esta frente teve início com a realização de uma série de capacitações, com a qual foi sendo formado um grupo de produtores interessados na transição agroecológica. Alguns assentados já possuíam certificação participativa, além de outros que embora não possuíssem a certificação, já produziam sem agrotóxicos e outros ainda que se sensibilizaram e se propuseram a fazer transição agroecológica. Os cursos tiveram como temas principais o manejo ecológico do solo, elaboração de biofertilizantes, compostagem e microrganismos eficientes.

Os produtores que participaram passaram a ser acompanhados e vistoriados regularmente. Desta maneira, pudemos nos certificar de que os grupos que vinham recebendo capacitações já estavam substituindo os insumos químicos pelos orgânicos, alinhando seus objetivos na produção com os princípios agroecológicos.

A proposta de criação da feira, a partir da criação de um grupo de agricultores nas capacitações, teve dois objetivos principais: incentivar os produtores que estavam em processo de transição agroecológica, com a abertura de um espaço para a comercialização da produção, e melhorar a oferta de alimentos saudáveis com preços justos em Araraquara.

Além das visitas regulares aos produtores, o caráter agroecológico da produção vem sendo comprovado por meio da criação e do fortalecimento de Organizações de Controle Social. Esta é outra ação do NEEA que já vem dando resultados, pois desde o início do projeto já foram criadas 3 novas OCS's. Neste caso, há dois pesquisadores do mestrado da Uniara que vêm apoiando essas organizações.

O período inicial das feiras foi marcado por inúmeras reuniões com o grupo, para elaboração de um Termo de Compromisso, que é uma espécie de regulamento para a realização da feira e para a participação dos produtores. Foi tirada uma comissão gestora, composta por produtores, consumidores, técnicos e docentes da Uniara. Nas primeiras edições havia uma média de 12 barracas, mas esse número teve uma diminuição, sobretudo em função do período das chuvas no começo do ano. Agora tem havido uma retomada da participação dos produtores.

A diversidade da produção comercializada nas feiras não poderia demonstrar melhor os bons frutos deste trabalho. Há uma grande variedade de legumes, verduras, frutas, raízes, grãos, temperos, cogumelos, pães, bolos e até mesmo produtos como ovos, queijos e palmito pupunha, que os consumidores insistem em encomendar diretamente aos produtores.

Nas pesquisas que fizemos sobre a percepção dos consumidores e sobre o preço dos produtos da feira em comparação com o varejo, os resultados são

animadores: a maioria dos consumidores acha que a feira tem produtos mais frescos do que o varejo e estabelecem relações de confiança com os produtores. Houve relatos de que acham na feira produtos que há muito não se via, como o feijão guandu, o cará moela e a uvaia. Alguns deles chegaram a relatar que até 70% de seu consumo de verduras e legumes passaram a ser adquiridos na feira da Uniara. Por outro lado, a pesquisa de preços indica que o valor da produção dos legumes chega a ser 70% mais barata do que no varejo, enquanto nas verduras essa diferença chega a ser de 44% e a de frutas 58%.

A feira da Uniara tem contribuído para fomentar a transição agroecológica dos produtores afins a esta proposta, mas não somente no sentido de abrir um novo canal de comercialização e por propiciar maior renda financeira. Além desse importante aspecto, somam-se outros que entendemos serem incomensuráveis em termos da constituição de um mercado consumidor específico e também em termos de estímulo à organização de grupos em torno das Organizações de Controle Social. Pois esta forma de organização está contribuindo para o fortalecimento dos grupos de feirantes e criando uma identidade de produtores preocupados com o meio ambiente, com sua própria saúde e a de seus consumidores, em função da não utilização de produtos químicos como os agrotóxicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram identificadas, sistematizadas e socializadas diferentes abordagens metodológicas para a execução das atividades propostas. A experiência do projeto nos colocou como desafio inovar nas metodologias para efetivamente conseguir o envolvimento dos agricultores. Tais ações exigem um cuidado especial para não se retirar as especificidades dos grupos e dos indivíduos, bem como saber lidar com os desafios e as resistências da organização social e da transição agroecológica. Sem a pretensão de realizar um projeto difusionista nos termos clássicos da extensão rural brasileira, interessa-nos o processo educativo e a construção do conhecimento em Agroecologia, como paradigma de produção, situação esta que tem que ser compreendida de forma processual e interdisciplinar.

Dado nosso entendimento de que o conhecimento deve ter retorno social, a possibilidade de criação de espaços multiplicadores de princípios agroecológicos e as experiências repassadas aos agricultores a partir da prática da Agroecologia tem impacto significativo na esfera produtiva, ecológica, social, econômica e política.

Cabe ressaltar o caráter inovador e de vanguarda dos núcleos de ensino e extensão em Agroecologia, na medida em que os mesmos têm permitido avançar na proposta do conhecimento crítico numa sólida integração entre ensino, pesquisa e extensão, buscando superar paradigmas ainda presentes na discussão das alternativas de desenvolvimento rural. O principal saldo desses dois anos de projeto pode ser dimensionado pelas inovações e pelo retorno significativo em termos de experiências transversais da produção, beneficiamento e comercialização, no campo da educação e da reprodução social.

Tais ações, além da dimensão formadora e crítica que são sua marca distintiva, permitem a proposição de referências concretas – ainda que pequenas – sobre alternativas de comercialização como as feiras nas universidades, as quais podem ser consideradas sementes de constituição de espaços de autonomia para os assentados e agricultores familiares, colaborando com sustentação de melhores condições de sua reprodução social e econômica. Pode-se salientar a inversão de atributos impostos às famílias assentadas. Muitas vezes vistas como as “sem terra”, passam a ser valorizadas, invertendo essa conotação pejorativa por uma outra avaliação de famílias que produzem alimentos e, mais do que isso, que praticam uma agricultura agroecológica.

Sem afastar os constrangimentos da integração agroindustrial que se fazem presentes nos diversos territórios, as iniciativas dos NEAS têm favorecido a constituição de formas coletivas de gestão (por exemplo as OCS's, as cooperativas e associações) importantes para alimentar o ideário de confiança e de reciprocidade tão importante para a agricultura familiar, a qual sofre, na conjuntura brasileira atual, séria ameaça que representa um risco de desqualificar suas lutas, conquistas, a partir das suas especificidades.

O fortalecimento dos NEAS nesta conjuntura representa, pois, um elemento de resistência ao processo de desestruturação provocado pelo governo atual claramente identificado com um modelo de desenvolvimento rural dependente das cadeias agroindustriais.

É na defesa de uma ação pautada por dimensões humanas, orientadas pelo princípio da ética e da solidariedade que reafirmamos a importância da continuidade e consolidação dos NEAS, sementes que já vêm apresentando, como demonstrado, bons frutos e a perspectiva de continuidade de um código de uma verdadeira parceria entre a universidade e a agricultura familiar para a construção do conhecimento agroecológico.

Cabe finalmente destacar a reinserção do contexto cultural na prática dos NEAs, o que vai gerar uma valorização dos conhecimentos tradicionais e dos segmentos de agricultores familiares usualmente esquecidos pelas normas dominantes na lógica do agronegócio.

6 REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Trad. Eli Lino de Jesus e Patrícias Vaz. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. 592 p.

COSTA, M.B.B. **Análise da sustentabilidade da agricultura da região metropolitana de Curitiba pela ótica da agroecologia**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

COSTA, M.B.B. **Agroecologia no Brasil**: história, princípios e práticas. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

DUVAL, H.C. **Da Terra ao Prato**: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. 2009. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). Universidade Federal de São Carlos, Araras/SP, 2009.

FERRANTE, V.L.S.B. **Projeto Assentamentos Rurais x Desenvolvimento**: integração, diversificações, contrapontos e complementaridades. Projeto de Pesquisa Bolsa Produtividade CNPq (2011-2015), 2011.

FERRANTE, V.L.S.B. (Coord.) **Relatório de Pesquisa**. Relatório final de pesquisa sobre diagnósticos regionais dos assentamentos, análise de sua inserção na economia local e da recepção, implementação e execução das políticas públicas realizadas pelo INCRA-SP. Contrato/CRT/SP/N. 100000/2010 – INCRA/UNIARA, 2012.

FERRANTE, V.L.S.B. **30 Anos de Assentamentos Rurais em São Paulo**: um balanço das contradições, bloqueios e perspectivas. Projeto de Pesquisa Bolsa Produtividade CNPq (2015-2019), 2015.

FERRANTE, V.B.L.S.; BARONE, L.A. Parcerias com a cana-de-açúcar: tensões e contradições no desenvolvimento das experiências de assentamentos rurais em São Paulo. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, p.262-305, 2011.

GARCIA JR., A.R. **Terra de Trabalho**. Trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia**: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Trad. Maria José Guazzelli. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 653p.

WANDERLEY, M. de N.B. **A agricultura familiar no Brasil**: um espaço em construção.

Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, São Paulo, v.25, n.2 e 3, p. 37-68, maio/dez., 1995.